



BANHEIROS DO PARQUE SÃO ALVOS CONSTANTES DE FANTASMAS DE CARNE E OSSO

VANDALISMO

Se de um lado as autoridades públicas destinaram parte das estruturas de lazer do Parque da Cidade ao esquecimento, por outro, muito do que está estragado é obra dos próprios frequentadores, afirmam os administradores do lugar. Esses são os fantasmas de carne e osso, que sentem o estranho prazer de destruir os bens públicos.

Só para se ter uma idéia da ação desses visitantes inoportunos, dos 144 banheiros das várias estruturas do lugar, todos passaram por refor-

ma ao longo de 2007 e foram sendo imediatamente agredidos com pichações e depredações de paredes, sanitários, chuveiros e pias. O último lote de reparos, nas estações 3, 10, 12 e 15, será finalizado dentro de duas semanas no máximo, anuncia a administradora do parque.

Enquanto isso, os banheiros masculinos do Parque Ana Lúcia estão interditados exatamente por conta da ação de vândalos. Segundo Joseni, alguns frequentadores roubam chuveiros, tor-

neiras e válvulas de descarga. Por conta desse e de outros problemas, como furtos no interior do parque, a segurança será reforçada em breve, garante.

Bagunça

Zeladora das estações 16 e 2, atrás do castelinho, Sebastiana Gomes Araújo, 65 anos, condena a atitude de alguns visitantes. "Tem homem feito que fica dando murro na porta ou na torneira. Sem falar a meninada que sai da escola e vem fazer

bagunça nos banheiros. Se a gente não ficar de olho, eles fazem até amor aí dentro", disse.

Frequêntador assíduo do Parque da Cidade, o servidor público federal Marcos Roberto Ugeda, 48 anos, lamenta o abandono das áreas de lazer e a falta de segurança. "Você entra no vestiário e, às vezes, não tem chuveiro. Conheço pessoas que trazem as peças de casa e doam. Aqui é o lazer mais barato da capital para o brasileiro. É preciso cuidar melhor desse espaço."

A lembrança do passeio de pedalinho no Parque da Cidade, aos 5 anos de idade, ainda é fresca na memória do estudante Danilo Moura da Mata, hoje com 17 anos. Era manhã de domingo. O pai sugeriu e ele, claro, adorou a idéia. "Na volta, meu pai me deixou no comando. Por pouco eu não bati o pedalinho no cais", contou.

A irmã mais nova de Danilo, atualmente com 11 anos, não teve a mesma oportunidade. "Um dia viemos para trazê-la e já estava fechado." Hoje, o passeio teria outro sabor, bem diferente de quando ele era apenas um garotinho. "Penso que seria muito bom vir com a namorada", cogitou, com um sorriso meio tímido.

A piscina de ondas é outra fonte de nostalgia e lamento dos visitantes. Muitos visitantes chegaram a compará-la com a única praia do centro da cidade, quando foi inaugurada. Mas o ambiente aquático mais cobiçado em seus primeiros dias foi alvo de vitórias da Secretaria de Vigilância Sanitária por supostamente ter se transformado em foco de dengue, por causa do acúmulo de água suja. Ainda hoje suspeita-se de que é necessário fazer uma nova pesquisa no lugar.

O promotor de vendas Paulo Henrique Coutinho, 36 anos, jura que não é saudosista. Mas, convidado pelo **Correio** para rever a piscina de ondas, descreveu com entusiasmo de criança como era o lugar antes do fechamento. "Aqui a mulherada se esparramava pelo chão. Bonita, feia, de todo tipo", disse, apontando para a borda da piscina. "Ali em cima (torre), ficava o segurança. A sirene tocava e todo mundo corria em direção à onda. Os surfistas do Paranoá (Lago Paranoá) se amarravam. Traziam pranchas de bodyboard e surfavam aí. Era uma diversão", comentou. (AB)

Últimas vagas para o curso
de Ciência da Computação.

Prova nesta terça.

Inscriva-se no site: www.iesb.br

